

cima tem o dom da palavra, de “respirar no que fala”. É fim de tarde, o macacúá vai cantar, deixemo-lo em paz com sua memória/gozo/sofrimento, com sua paixão, Dinaura⁶.

Os quatorze contos de *A cidade ilhada* são ao mesmo tempo exercícios de estilo e de paixão. Quatro deles retomam narradores de livros anteriores de Hatoum. “Varandas da Eva”, “Uma estrangeira da nossa rua” e “Dois tempos”, pelo reaparecimento de personagens como tio Ran, tia Mira e Minotauro nos remete a Lavo, narrador de *Cinzas do Norte*. Já (“A natureza ri da cultura”) – um dos pontos mais altos do livro, em que a figura humanista e iluminista, portanto ainda colonialista, de Armand Verne se vê desbancada por aquela enigmática, desesperada, vidente e literalmente gigantesca do viajante Felix Delatour – (pela alusão a Emilie, faz com que nos sintamos diante da voz da inominável narradora de *Relato de um certo oriente*)⁷.

Outro conto “antigo” (1996) é “Uma carta de Bancroft”. Trata-se, no livro todo, provavelmente do conto escrito mais *à la manière de* (no caso, Borges⁸), o que de forma alguma lhe retira o interesse. Cumprindo a maldição kavafiana que epigrafa Orfãos do *Eldorado* – “não encontrarás novas terras, nem outros mares. A cidade irá contigo” – o narrador encontra Manaus em San Francisco, na biblioteca de Bancroft, através de uma carta de Euclides da Cunha a Alberto Rangel. O jogo de verossimilhança e falsidade, tipicamente borgiano, que se estabelece revela-nos, entre desejos e prenúncios, um Euclides escravo de sua paixão pela escritura do sertão a ponto de expulsar Gobineau de seu sonho por acenar este com o projeto de uma colonização européia da Amazônia que o impediria de escrever sobre o Inferno Verde/Paraíso Perdido dessa região.

Logo após esse, vem um dos contos mais bonitos do livro, “Um oriental na vastidão” em que vem inscrita, como um ideograma, a frase lapidar (apesar ou justamente por ser seu maior lugar comum) do livro: “no lugar desconhe-

6 Lista de questões a aprofundar: incesto, loucura, utopia e atopia, Kaváfis, decadência, relação “índio”/“não índio”, cabanagem, corrupção...

7 Na verdade, trata-se de um dos contos mais “velhos” do livro, publicado pela primeira vez, pouco tempo após o *Relato*, em 1992, na *Revista USP*, sob o título “Reflexão sobre uma viagem sem fim”.

8 Como bem notou Rafael Martins Costa em sua resenha do livro “Em busca da estrangeiridade - uma viagem pelos contos de *A cidade ilhada*, de Milton Hatoum.” Disponível em www.critica.asp.

cido habita o desejo". Com quem o professor Kurokawa teria aprendido a falar amazonês? Sua obsessão pelo Paraná da Paz seria apenas a de um casto pesquisador apaixonado por seu objeto de estudo? Na verdade, pouco importa o objeto, mas o ser sujeito de (que equivale a estar sujeito a) uma paixão.